

Entre práticas decoloniais e brincanças: o livre brincar como reafirmação da autonomia e direito das crianças

Lara Paletta Sparano^[1]
Karina dos Reis Duarte^[2]
Lea Tiriba^[3]

Resumo: A lógica do sistema mundo-colonial-moderno (Quijano, 2010) é profundamente marcada pelo distanciamento da natureza e pela estrutura adultocêntrica. Esse sistema se sustenta no domínio dos corpos, na formação de seres subservientes e na compreensão da natureza como fonte de recursos. A consequência é a perda do direito ao brincar, o não reconhecimento das crianças como sujeitos de direitos e a fragilização da condição biofílica do humano (Tiriba e Profice, 2018). O resultado é uma educação emparedada (Tiriba, 2010), pautada na imobilidade dos corpos e na verticalidade das relações adulto/criança, onde as crianças não decidem sobre como viver o seu cotidiano. Assim, promover espaços de liberdade é essencial, pois é através dos corpos em estado de felicidade, gerada pela satisfação dos desejos, que nos encontramos em potência de agir e de conhecer (Spinoza, 2009). O objetivo deste trabalho é refletir sobre a necessidade de garantir o direito das crianças à liberdade e ao livre brincar, visando a quebra do modelo adultocêntrico. Para tal, buscamos práticas educativas que respeitem os corpos, os desejos e a autonomia das crianças, sendo, estes, princípios educativos presentes nas cosmovisões de povos originários brasileiros. A pesquisa acontece com crianças de 3 a 6 anos de idade de uma escola municipal da cidade do Rio de Janeiro, realizada através de um projeto de ensino, concretizado junto a disciplinas do curso de Pedagogia de uma universidade pública. As/os alunas/os da graduação são convidadas/os a planejarem atividades de livre brincar, denominadas de *brincanças*, comprometidas com a autonomia e a liberdade em conexão com outras formas de vida. Buscando alternativas e visando a garantia dos princípios apontados na DCNEI (2010), às práticas educativas são propostas a partir de metodologias decolonial-teórico-brincantes (Schaefer; Guedes; Tiriba, 2017), com o intuito de constituírem caminhos possíveis ao desemparedamento. Como resultados parciais da pesquisa, observamos a relação das crianças entre si e com o território e a mudança na cultura existente dentro do espaço escolar. A metodologia consiste na livre circulação e no direito de escolha entre as atividades e brincadeiras; na autonomia das crianças; na experiência em coletivo; na multietariedade e na garantia de um tempo de qualidade para o livre brincar. Quando expostas a essas condições, as crianças vivenciam experiências em conexão com seus desejos e vontades, e, conseqüentemente, se reconhecem como pessoas autônomas. Ao mesmo tempo, observamos o processo de transformação das/os profissionais da educação: ao reconhecer as crianças como seres portadores de direitos irrevogáveis à brincadeira, as educadoras/es não as direcionam em suas escolhas, como outrora, permitem o livre brincar, se mantendo presentes, atentas e disponíveis para as crianças, garantindo o cuidado (DCNEI, 2010) como eixo que fundamenta as práticas educativas.

Palavras chave: Infâncias; Liberdade; Adultocentrismo.

¹ UNIRIO, larasparano@gmail.com

² UNIRIO, karinaduarte@edu.unirio.br

³ UNIRIO, lea.v.tiriba@unirio.br